

ORIENTAÇÕES PARA O EDUCADOR

ler para escrever para ler

maria betânia ferreira e dora carrasse



ecofuturo

Aqui pais e professores encontram dicas simples e preciosas sobre como acolher e apoiar a escrita autoral e criativa.

Introdução

A coisa mais leve, mais engraçada e mais séria **3**

Ensino Fundamental 2

Ler para escrever para Ler **6**

Ensino Médio

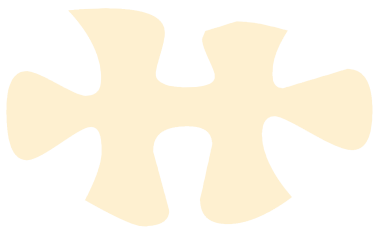
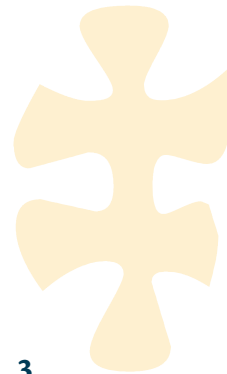
Ou seja: devagarinho e com reverência **11**

Educação de Jovens e Adultos

Dominar a palavra escrita **17**

Educadores

Fantasia, papéis e um minutinho no espelho **29**



Introdução

**A coisa mais leve,
mais engraçada
e mais séria**

Nos anos 1950, jovem professor da turma de 6ª série, inspirado pelos surrealistas, Michel Lobrot resolveu fazer o exercício da “escrita automática”*. O resultado foi fantástico: “As crianças, ainda não deformadas pela prática da redação ‘escolar’, entendiam o que eu sugeria, sem necessidade de longas explicações. Obtive textos bonitos, diretos, autênticos”.

Na década de 1980, professor em uma universidade experimental, ele retomou a escrita automática com seus alunos, mais uma vez com resultados entusiasmantes. Alguns desses alunos acabaram virando animadores de oficinas de redação, psicoterapeutas, professores, pedagogos, e continuaram a praticar o método de Michel Lobrot.

Durante séculos e séculos, escrever era equivalente a pensar, refletir, imaginar, conceber. Ora, se a gente deve dar três voltas na língua antes de falar, deveria, então, dar dez vezes mais voltas na mão com a caneta ou com o mouse do computador antes de escrever. Nada contra isso, de jeito nenhum. O que é bem concebido é claramente enunciado.

Mas escrever não se limita a pensar: escrever é **CRIAR, INVENTAR**. Alguma coisa que antes não existia deve surgir. Dessa “coisa” que surge nascem concordâncias, uma certa ordem, palavras, frases que exprimem ideias, sentimentos, imagens... Tudo isso deve **SURGIR** no mundo para depois ser trabalhado, aprimorado, mexido.

E o que vai **SURGIR** precisa de uma **MOBILIZAÇÃO**: algo capaz de fazer com que as ideias, as imagens, os sentimentos, as representações se apresentem à pessoa que vai escrever, surjam no seu espírito, como num passe de mágica.



Deixar vir o que vier,
espontaneamente, deixar-se
levar pela mão que escreve –
e nem pensar em criticar ou
corrigir (isso virá depois!)

Os estímulos externos que o professor traz mexem com o mundo interior dos alunos e abrem as “reservas” de fantasias e memórias.

O presente acorda o passado!

A escrita que esperamos que aconteça é, ao mesmo tempo, “a coisa mais leve, mais engraçada e mais séria que existe”, como escreveu Michel Lobrot no prefácio do livro *90 jeux d'écriture*.

Os temas de conversa, o Baú de ideias e outras publicações do Instituto Ecofuturo para professores trazem elementos para fazer a **MOBILIZAÇÃO** e “acordar o passado”. Tomara que seus alunos sintam o quanto escrever pode ser mesmo “a coisa mais leve, mais engraçada e mais séria que existe”.

Ensino Fundamental 2

ler para escrever **para ler**

Por que ler para escrever?

Há alguns dias, conversando com minha filha de quatro anos (e meio, como ela insiste em dizer), eu disse uma banalidade do gênero “Nossa, minha princesa, como você está crescendo!”, ao que a princesa respondeu: “Mas é esse o objetivo, não?”.

Evidência: é esse o objetivo, e, a julgar pelo conteúdo da resposta, está sendo alcançado sem problemas.

Crescer é dialogar, ouvir, escutar, responder. E de onde vem a matéria, a substância necessária à construção de respostas e de perguntas?

Da vida, claro. De conversas, de observação. E dos livros. Dos livros de literatura, repletos de seres fantásticos, de diálogos entre rãs e bolinhos que choram, de famílias com 120 filhos, de crianças perdidas na floresta, de paisagens extraterrestres...

É lá que a criança vai captar, entender o sentido das expressões e frases da monótona vida real. É lá que nasce a curiosidade, essencial para o alcance do “objetivo”...

Ficar espantado, maravilhar-se, ter medo, gargalhar, identificar-se com as personagens mais absurdas: é isso que faz crescer; é isso que oferece a literatura.

Apreender o absurdo é fundamental para a compreensão do que é lógico e conforme à razão.

O que ler para escrever?

Bom é que a pessoa conheça coisas diferentes, prove um pouquinho de tudo para descobrir o que lhe cai bem, o que lhe agrada, o que perturba, o que desgosta. O processo não é muito diferente do que acontece com relação à comida: vai-se provando, mastigando devagarinho, repetindo, saboreando, decidindo: vou querer de novo ou não.

Um adulto lê para se distrair, para fugir da rotina, para se informar, para desafogar, para tentar entender o mundo, para bisbilhotar nas ideias alheias, para rir, para chorar, para fazer de conta, para ficar mais culto... Só não lê quem não aprendeu a ler, porque, gostando ou não de leitura, a gente adulta obrigatoriamente lê até sem sentir, na nossa sociedade. Mas seria bom que mais gente lesse com gosto e consciência, porque o espaço de liberdade da **leitura escolhida** faz bem à sociedade toda.

Bom é que o educador (de casa e da escola) ofereça leitura com jeito: sem forçar no “ler para crescer”, ou seja, na leitura educativa, e também sem deixar ficar só no “ler o que bem entender” ou “ler o que é fácil”. Educar é também ser intermediário entre o jovem e as mensagens do mundo, às vezes para que ele se disponha a recebê-las, outras vezes para que entenda a parte enganosa e manipuladora que elas podem ocultar. O professor também pode fazer a intermediação entre o jovem e o modo de expressão do povo de que ele faz parte (a língua) na forma escrita – e isso pode resultar em paixão, à medida que o jovem vai descobrindo o prazer de encontrar beleza na escolha das palavras e na sua combinação para produzir determinados efeitos e impressões. Foi essa paixão que levou Caetano Veloso a declarar cantando:

“Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões.”*

As crianças pequenas têm uma vontade doida de aprender a ler. Perguntam sem parar e brincam com as palavras como quem brinca com as peças de um quebra-cabeça. Os grandes leitores também. No meio do caminho entre uma criança curiosa e um leitor apaixonado pode haver uma barreira (uma pedra, diria Drummond) ou uma ponte. Muitas vezes, só depende (ou depende em grande parte) da ação de um educador atento e sensível.

Ler depois de escrever

Bom é que o educador invente maneiras surpreendentes para levar todo mundo junto a ler-escrever-ler (compartilhar leitura). Imagine uma atividade de faz-de-conta-que-é-hora-de-dormir, em que todo mundo vem de pijama (com direito a ursinho de pelúcia) para ouvir alguém ler. Ou um conto que os alunos devem transformar em roteiro de filme. O dia das histórias que dão medo. O era-uma-vez preferido na casa de cada um, descoberto, reescrito e compartilhado com o grupo. Uma busca ao acaso no Google que vira história (de crime, de amor, de terror, surreal...).

Não tem fim, não tem limites: bom é que, em vez de arrancar os cabelos com a concorrência da televisão e da internet, o educador aproveite esses ambientes em que os jovens circulam com desenvoltura para imaginar boas iscas de leitura e escrita. Afinal, é com o que se encontra


Língua,
música e letra de
Caetano Veloso.

no nosso meio e no nosso tempo que educamos. Existe a literatura infantil, existe a literatura juvenil, existe a LITERATURA (não vale a pena se deixar restringir pelas categorias, porque os adolescentes podem muito bem digerir literatura pura e simples, com a ajuda de um bom intermediário).

Ler é um prazer, ler ajuda a entender melhor o mundo e as próprias emoções. Ler o que se escreveu é um exercício de busca de sentido e qualidade, porque ler também pode ajudar a ser gente melhor.

Ensino Médio

Ou seja:
devagarinho e com reverência

Todo dia sou uma entre 500 milhões de pessoas que passeiam virtualmente pelo Facebook (ou “Livro de Caras”, como ironiza minha filha) para ver o que disseram os amigos e conhecidos entre ontem e hoje, o que acham que é imperdível, do que gostaram, que fotos publicaram (ou *postaram*), que conselhos e citações oferecem, que socorro pedem, o que criticam, de quem e do que reclamam. Nesses momentos, eu e mais 500 milhões de pessoas aproveitamos para saber quem faz aniversário, mandar recados, contar a última piada, meter o pau no que não está certo, aplaudir boas iniciativas, clicar “gosto”/ “não gosto” e, assim, compartilhar o dia a dia dessas novas turmas que se espalham pelo mundo real e conseguem continuar reunidas no mundo virtual. Graças a essa brincadeira rápida de ler e escrever *on-line*, hoje estou reconectada a gente que tinha perdido de vista e consigo até ficar sabendo das marcas que minhas crenças, meus atos, meu trabalho e minha companhia deixaram ao longo do tempo em outras vidas.

No plano concreto da **comunicação escrita sobre o planeta Terra e as relações do homem com o mundo natural** (ou seja: no plano da **geografia**), nossa casa é quase um retiro no campo, onde só a música, os barulhinhos bons da natureza e, de vez em quando, um motor de carro ou de avião ressoa; no plano abstrato **do que é suscetível de virar realidade** (ou seja, no **plano virtual**), nesta casa ressoam as vozes, os risos, os suspiros e os gritos de boa parte da humanidade. A palavra NÓS cresceu e virou uma coisa que sai da norma (ou seja: enorme), desmarcada, volumosa, descompassada, portentosa, prodigiosa, desmedida. (Um panapaná de adjetivos em homenagem a Mário Quintana, que um dia, garimpando seu mundo interior, lápis e papel



como ferramentas, descobriu e presenteou isto: *A borboleta mais difícil de caçar é o adjetivo.*)

Coisa **MUITA**, a palavra **NÓS** passou a ser dentro de cada casa e de cada indivíduo conectado. Com uma ressalva que salva: ficam resguardados totalmente os direitos de mudar de canal quando bem entender e deixar o lado não-eu do **NÓS** falando sozinho, flutuando numa nuvem de ilusão de comunidade (ou seja: comunidade virtual, aquela que pode ser, mas também pode não ser). Porque, convenhamos, tem hora que é preciso **voltar aqui e ficar agora**. Gostemos ou não, podemos estar em toda parte, mas as horas do dia continuam sendo 24. Queiramos ou não, mesmo tendo virado donos do espaço, continuamos sendo sujeitos (palavra que significa “postos debaixo”) do Senhor Tempo. Tenhamos ou não consciência, a correria para tentar fazer o mundo caber em 24 horas rouba qualidade das trocas humanas e, por conseguinte, pode subtrair qualidade da nossa leitura, apropriar-se fraudulentamente da nossa escrita e despojar nossas palavras da ‘identidade íntima’ que queremos comunicar aos outros*.

Socorro, Mário Quintana! Diga alguma coisa – você, que sabia como ninguém escrever **CRISTALINAMENTE**, sem empecilhos e com entrada garantida no coração do leitor.

Maria-fumaça

As lentas, poeirentas, deliciosas viagens nos trens antigos. As famílias (viajavam famílias inteiras) levavam galinhas com farofa em cestas de vime, que ofereciam, pois não, aos viajantes solitários.



“A arte é a comunicação aos outros da nossa identidade íntima com eles.”

(Fernando Pessoa, com o nome de Bernardo Soares)

E os viajantes solitários (e os meninos) ainda desciam nas estaçõezinhas pobres... para os pastéis, os sonhos, as laranjas...

E ver as moças da localidade, que iam passear nas gares para ver os viajantes, uns e outros de olhos compridos – eles num sonho repentino de ficar, elas num sonho passageiro de partir.

Um apito, a fumarada, resolvia tudo.

Mas hoje nem há o que resolver. E é quase proibido sonhar. O mal dos aviões é que não se pode descer a toda hora para comprar laranjas.

Nesses aviões, vamos todos imóveis e empacotados como encomendas.

Às vezes encomendas para a Eternidade...

Dia desses, entro no Facebook e dou de cara com esta mensagem “a quem interessar possa”:

Se você mandar uma mensagem pra mim e eu não responder, por favor, mande de novo. Certamente eu não vi. Acho uma absurda falta de educação não responder uma mensagem, especialmente de alguém conhecido.

Imediatamente, os comentários começaram a se multiplicar como pão em milagre:

  *Eu digito numa velocidade absurda, você não tem noção. ✓*

  *Eu também, por isso estou pedindo desculpas antecipadamente. ❤️ ✓*

  *Teve um dia que você não me respondeu! ✓*

  *Vixe, já fiz isso contigo? ✓*

👤💬 *Eu tô na fila de espera! ❤️ ✓*

👤💬 *Um e-mail longo leva poucos segundos, muita coisa pode se perder. ✓*

Resumo da ópera: a humanidade inventou as formas rápidas de comunicação escrita para ganhar tempo e, no embalo da rapidez, em vez de aproveitar o tempo ganho para ler com diligência e escrever com exatidão, acaba lendo com diluição e escrevendo com exagência (ou seja: sem pé nem cabeça).

Do Ideal

As lagartas não podem acreditar na lenda das borboletas – tão antiga entre o seu rastejante e esforçado povo, mas sua felicidade consiste em lembrar, às vezes, o absurdo e maravilha desse velho sonho: o de se transformarem, um dia, em borboletas.



Toda essa história de pressas, trens, borboletas e lagartas é para convidar você a pôr seu **cuidado** nessa questão e a ajudar seus alunos a tomarem as rédeas do sentido de ler e escrever; a ajudá-los a aprender a ver, para aprender a bem ler e a bem escrever (ou seja: em sintonia com Rubem Alves, que disse que, em educação, “não vemos com os olhos; vemos com as palavras”) e recuperar um pouquinho que seja de cerimônia.

Vou saindo de cena e deixo você em muito melhor companhia: Thich Nhat Hanh, que é um monge budista, militante pacifista e escritor vietnamita. Minha ideia é de você ler três vezes as palavras que vêm a seguir: uma vez exatamente como estão, uma vez trocando as três primeiras por “LEIA” e uma vez trocando as três primeiras por “ESCREVA”.

Tome seu chá devagarinho e com reverência,
como se fosse o eixo em torno do qual gira a Terra
– devagarinho, ordenadamente, sem correria rumo ao futuro.
Viva o momento real.
Somente este momento é a vida.

Thich Nhat Hanh

Educação de Jovens e Adultos

Dominar a palavra escrita

Quem é você? Eu não sei.
Eu me esforço para saber. E eu faço isso por escrito.
A palavra perfura a carapaça
para chegar a descobrir o “eu mesmo”.

Essas palavras são do poeta Aimé Césaire, que nasceu na Martinica há quase 100 anos. São perfeitas para ajudar a dizer com clareza o que esperamos que seus alunos consigam fazer e compartilhar com você, com os colegas e conosco.

Domínio da palavra escrita

Não é fácil servir-se da palavra escrita quando ela começou tarde a fazer parte da vida da gente. Quando alguém começa na adolescência ou até mesmo na idade adulta a caminhada que leva a **dominar** a palavra escrita, a coisa é muito mais complicada. **Dominar**, aqui, tem o sentido mais profundo do verbo **DOMINAR**, aquele que lhe deu origem:

Dominar vem do latim *dominus*, que significa **senhor**.

Dominar é comandar, ter autoridade sobre algo, estar acima de algo, manter algo em sujeição.

Dominar a palavra escrita é

tornar-se senhor da palavra escrita

(e, com isso, poder **servir-se dela**

para fazer alguma coisa).

Pequenas vitórias

Cada palavra, cada expressão dominada, é uma vitória que tem muito mais peso do que aquelas da infância, porque uma carga muito grande de experiência de vida ganha corpo com ela. Cada palavra aprendida é uma pedra nessa reconstrução de si mesmo como pessoa que lê e escreve. Cada noção gramatical aprendida é ferramenta para a construção. Uma regra ortográfica qualquer, mesmo minúscula, dá melhor acabamento. E cada nova aprendizagem se acrescenta e reacomoda na ideia de Aimé Césaire:

A palavra perfura a carapaça para chegar a descobrir o “eu mesmo”.

A melhor ajuda

Cada um deles mede com rigor, o tempo todo, seu próprio avanço nessa trajetória. Merece muito respeito e admiração quem se dispõe a ir para a escola depois de grande, seja para começar, seja para retomar estudos. A produção de texto dessas pessoas requer um processo diferente de preparação, de alimentação, de aquecimento, de leitura, de troca, de releitura. Acompanhar a produção de um texto escrito por um aluno do EJA é uma ação que envolve qualidades como *benevolência, boa vontade, delicadeza, indulgência, sagacidade, penetração, clareza de visão e lucidez*. Esses alunos não têm aquela sensação de que todo o tempo do mundo está à sua disposição: eles já vivem mergulhados

na roda-viva da sobrevivência, e suas horas livres não costumam ser ocupadas por brincadeiras. Esses alunos são extremamente sensíveis e vulneráveis à crítica, e dizer “Não entendi”, para eles, costuma ser um ato especialmente doloroso.

Benevolência para receber o primeiro esboço sem despertar o fantasma do “medo de errar”.

Boa vontade para encontrar o que realmente é semente de beleza.

Delicadeza para sugerir mudanças e apontar falhas.

Indulgência para que ninguém se sinta obrigado a parecer o que não é.

Sagacidade para identificar as pérolas e descartar os lugares-comuns e as cópias.

Penetração para atingir a intenção, o pensamento e o sentimento nem sempre evidentes nas palavras de quem não domina totalmente a língua escrita.

Clareza de visão para diferenciar o corriqueiro do salto aventureiro no uso da palavra escrita.

Lucidez para perceber até que ponto cada um conseguiu “sair do chão”, ir além do sentido usual das palavras, brincar, experimentar no texto que produziu.

Prazer e gosto

Você, professor, conhece seu grupo melhor do que ninguém. Só você pode avaliar a melhor maneira de conduzir a proposta para que seus alunos se disponham a participar e façam isso com prazer e gosto.

De nossa parte, as palavras de Aimé Césaire – um homem que dedicou sua vida a fazer da palavra escrita um instrumento de liberdade para seu povo – nos trouxeram uma ideia um tanto fora do comum, para a categoria dos estudantes do EJA. Não queremos só que eles produzam um texto que sirva para participar do Concurso. Gostaríamos também que a nossa proposta virasse uma oportunidade de fortalecimento na busca do tal **domínio da palavra escrita**. Sem angústia, com bastante diálogo, bom humor e pequenas leituras compartilhadas, para aproveitar os exemplos de boa escrita que a literatura oferece.

Atenção: o que temos em mente como

boa escrita

é escrita eficaz,
que transmite claramente as ideias,
que toca a sensibilidade,
que tece a linguagem com cuidado e beleza,
com originalidade,
com limpidez.

A palavra perfura a carapaça para chegar a descobrir o “eu mesmo”.

Isto é leitura de literatura

Um bate-papo sobre essa frase é uma aula de literatura, sim. Nada de palavras difíceis, nada de inversões e complicações eruditas, nada que assuste o leitor inexperiente: todo mundo sabe o que é carapaça, todo mundo sabe quem é “eu mesmo”, ninguém desconhece o que é “palavra”. O que é, então, que faz dessa frase **BOA ESCRITA**? O inusitado, o ousado, a fuga do comum. A ideia de que palavra perfura (se palavra perfura, o que mais palavra pode fazer?); a ideia da carapaça numa pessoa; a ideia do “eu mesmo” escondido dentro de uma carapaça.

isso de querer ser
exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além

Paulo Leminski

Achamos que uma série de exemplos como esse que você acabou de ler é o melhor material para preparar esse texto que queremos tanto que eles construam. Traz um bom elemento literário ao grupo sem despertar a angústia do “livro-que-eu-tenho-que-ler-mas-tenho-medo-de-não-entender”. É como passar um *trailer* de livro, sem forçar leitura. Sugestivo, rico, bonito, gostoso, curioso, esperto, engraçado – tudo isso se pode encontrar em amostras de boa literatura, sem esbarrar no obstáculo do volume de leitura para quem não é ainda completamente dono da palavra escrita.

A poesia é um in utensílio.

Paulo Leminski

E já que estamos falando de Aimé Césaire, de Paulo Leminski e de leituras curtas, como uma coisa leva a outra, caímos (com o maior prazer) no caldeirão da poesia.

Chovem duas chuvas:
de água e de jasmims
por estes jardins
de flores e de nuvens.

Sobem dois perfumes
por estes jardins:
de terra e jasmims,
de flores e chuvas.

E os jasmims são chuvas
e as chuvas, jasmims,
por estes jardins
de perfume e nuvens.

Cecília Meireles

Fazer algo

POESIA é uma palavra que vem do grego *poíesis*, uma palavra **PERFEITA** para simbolizar (e sintetizar) o que se espera de seus alunos em relação ao domínio da palavra escrita. Por quê? Porque *poíesis* significa “fazer algo”! Não é bonito isso? Propor que alguém faça poesia nada mais é

do que propor que alguém “faça alguma coisa” com palavras escritas.
Ô, delícia de momento de liberdade em busca de boniteza e sentido
bem casadinhos!

Razão de ser

Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso,
preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.
Escrevo porque amanhece,
E as estrelas lá no céu
Lembram letras no papel,
Quando o poema me anoitece.
A aranha tece teias.
O peixe beija e morde o que vê.
Eu escrevo apenas.
Tem que ter por quê?

Paulo Leminski

O poeta se define pela capacidade de criar beleza com linguagem.

Paulo Leminski

Brincar com palavras precisas

Brincar com palavras **precisas** de um jeito livre, depois de conhecer bons exemplos de quem é senhor de fazer poesia, pode ser um jeito de se liberar (daquela tal carapaça) no uso da língua escrita e por meio da língua escrita.

O que são palavras precisas?

São palavras
necessárias
urgentes
exatas
definidas
certas
claras
categóricas
terminantes
resumidas.

(Não inventamos isso, não... Está no dicionário *Aurélio*.)

Cada um é que sabe quais são as suas próprias **palavras precisas** para **fazer algo e criar beleza**.

Viagem

Viajar
mas não
para

viajar
mas sem
onde

sem rota sem ciclo sem círculo
sem finalidade possível.

Viajar
e nem sequer sonhar-se
esta viagem.

Orides Fontela

Brincar e medir

Mudar o hábito de medir o avanço diário para uma outra métrica, que é a dos versos, das rimas e do ritmo, pode emocionar, fazer rir, fazer chorar.

Mexer, reler, remexer, trocar de lugar, substituir – todas essas ações estão mais ao alcance da mão que escreve e do olho que lê quando a superfície escrita no papel tem o desenho – tão familiar – da forma do poema, que é também o da letra da música que todo mundo canta. A forma do poema, com suas linhas curtas e seus espaços para respirar, assusta menos que a da prosa:

Cai chuva do céu cinzento
Que não tem razão de ser.
Até o meu pensamento
Tem chuva nele a escorrer.

Tenho uma grande tristeza
Acrescentada à que sinto.

Quero dizer-ma mas pesa
O quanto comigo minto.

Porque verdadeiramente
Não sei se estou triste ou não.
E a chuva cai levemente
(Porque Verlaine consente)
Dentro do meu coração.

Fernando Pessoa

Palavras que rimam são outra fonte de prazer e brincadeira.

Um passeio à biblioteca (ou livros circulando na sala de aula, caso não haja biblioteca disponível) em busca de poemas pode ser uma boa atividade de descoberta, leitura e construção de vocabulário. O material descoberto pode muito bem ser compartilhado em sala de aula, por meio de leitura em voz alta, por exemplo, ou de um painel de poemas.

E você, amigo professor, quais são os poemas e as cantigas que guarda “no coração”?

Por que ficaram “no coração”? O que é que existe neles que fez com que você, ao conhecê-los, lhes desse um lugar para morar em sua memória?

Pode ser que tenha a ver com esta frase de Stephen K. Levine:

A poesia é a fala da alma.

(Pensar nessas perguntas e procurar respostas ajuda a entender o caminho que leva a poesia ao coração das pessoas. Você pode usar isso para semear poesia na sala de aula e colher frutos surpreendentes, que, de quebra, ainda permitem conhecer melhor o que se passa na vida e na alma de seus alunos.)

eu ontem tive a impressão
que Deus quis falar comigo
não lhe dei ouvidos

quem sou eu para falar com Deus?
ele que cuide dos seus assuntos
eu cuido dos meus

Paulo Leminski

Cartaz para uma feira do livro

**OS VERDADEIROS ANALFABETOS
SÃO OS QUE APRENDERAM
A LER E NÃO LEEM.**

Mário Quintana

Educadores

Fantasia, papéis e
um minutinho no espelho

Rubem Alves disse que nossos sentidos são transformados pela fantasia. Disse mesmo que nossos sentidos são arte, explicando que arte é “natureza transformada pela imaginação para nos dar novas experiências de prazer e alegria”. Isso está na página 167 do *Livro sem fim*, um livro que faz um bem danado e dá prazer ao leitor, mais ainda se o leitor for educador (caso em que o bem que o livro faz e o prazer que dá vão se esparramar pelo mundo).

Os livros de Rubem Alves provam o quanto ler (e ler bem, e ler de tudo) colabora para escrever bem. Você acaba de ler o *Livro sem fim* com uma sensação gostosa de ter dado voltas ao mundo com o autor trilhando caminhos em branco e preto de páginas de filosofia, poesia, teoria, história, romance... E não tem notas de rodapé: tem notas de canapé. Você lê as últimas palavras da página 169 sentindo que se alimentou e ficou melhor do que era quando leu a primeira frase: “Eu não deveria ter tentado escrever este livro”.

No dia a dia da educação e da leitura a gente acaba descobrindo que, volta e meia, o tipo de contato humano que acontece abre portas insuspeitadas no mundo interior das pessoas envolvidas.

Ah, se os alunos soubessem as marcas indeléveis que deixam nos professores... Ah, se os professores tivessem plena consciência das impressões indissipáveis que podem ter palavras, olhares e gestos, tanto no bom como no mau momento... E quanta ideia, quanta nova forma, quanta reforma nascem dessa troca que, quando acontece bem, deixa as pessoas com mais vontade e maior aptidão para descobrir os sabores do mundo e nele interferir!

Este poema é um exemplo:

Enquanto se dá aula e se incentiva o hábito da leitura

Acima das antenas,
luzes, alturas,
acima do alto
e do planalto, muito acima de São Paulo,
aves pequeninas amarelas ou azuis
desespero ou luz.
Voam,
medem asas até o horizonte,
suspiram desconsoladas,
voam, voam sem parar,
mesmo que não haja aonde ir
senão fechar e abrir seus próprios círculos,
estão acima de São Paulo e do planeta.
Riscam o ar e deixam marcas.
Quando os raios de sol,
sua sombra é projeção de gigantes.
Acima de São Paulo,
pequeninas, amarelas, azuis, insistentes.
No solo de São Paulo,
enormes, escuras, móveis,
assustadoras sombras sobre as avenidas,
sobre os olhos dos que passam,
sobre as vidas que levamos:
gatos malhados, andorinhas e transformadores,
sangue fresco em veias de mil anos.

Pequenas, pequenas vontades que temos.

Seu tamanho real está no céu.

Nosso medo real está no chão.

Esse poema foi escrito em 1985 por uma professora de 5.^a série, rabiscado na sala de aula, enquanto os alunos compenetradamente preparavam em grupo uma apresentação sobre três livros que haviam lido no semestre:

- *O gato malhado e a andorinha Sinhá*, uma história de amor impossível que mostra que o mundo só pode melhorar se as pessoas aceitarem suas diferenças (Jorge Amado escreveu em 1948, sem intenção de publicar, para dar de presente no primeiro aniversário de seu filho);
- *Sangue fresco*, um livro de João Carlos Marinho de 1982, que mistura humor, paródia e crítica social ao suspense;
- *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga (1976), história de uma bolsa em que uma menina chamada Raquel escondia três vontades.

Tudo pode acontecer nesse labor de ensinar a pensar e a sentir (sim, porque isso se ensina, e você com certeza já descobriu isso: preenchendo a vida com as iscas certas para que a aprendizagem aconteça e a corda da sensibilidade ressoe). É por isso que o trabalho que você escolheu fazer leva a mente a dançar a música do que não existe aqui e agora, guiada pelas palavras (ditas ou escritas). Falta de ideia vira ideia, imagem vira poema, pergunta vira tratado e por aí vai; é só querer: vai-se escrevendo e escrevendo-se para o mundo.

Como Emily Dickinson:

Para fazer uma campina
basta um só trevo e uma abelha.
Trevo, abelha e fantasia.
Mas, na falta da abelha,
basta a fantasia.

Quem gosta de escrever costuma ter montes de papezinhos espalhados (ou escondidos) onde as palavras que vieram dançar pousaram. Não jogue fora nem no esquecimento esses berços onde suas palavras repousam. Releia em momentos diferentes, porque eles renascem diferentes a cada leitura. Eles fazem parte da rede das palavras da sua vida. Não são imutáveis nem sagrados, e você pode mexer e remexer sem fim, em busca daquilo que a gente passou a chamar de “estado da arte”.

Como Mário Quintana:

Estão vendo? De que era mesmo que eu estava falando? Ah! era dos papéis escritos, extraviados, esquecidos.
Quem sabe lá como seriam bons!
Quanto a este, que tive o cuidado de não perder, o melhor será colocar-lhe no fim os três pontinhos das reticências...
Ninguém sabe ao certo o que querem dizer reticências.
Em todo caso, desconfio muito que esses três pontinhos misteriosos foram a maior conquista do pensamento ocidental...




Você acha que não tem nada de escrevinhador, escriba, plumitivo, escrevinhadeiro, escrevente, escrevedor e escritor?

Na página 38 do *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, Riobaldo explica como é que as coisas de vir a ser funcionam:

Ah, naqueles tempos eu não sabia, e hoje é que sei:
que, para a gente se transformar em ruim ou em valentão,
ah, basta se olhar um minutinho no espelho
– caprichando de fazer cara de valentia;
ou cara de ruindade!

Deixo com você Fernando Pessoa [com o nome de Bernardo Soares]
soprando ao pé do ouvido, para dar vontade de pegar na pena*
(ou no teclado – cada qual, cada um):

“A arte é a comunicação aos outros da nossa identidade íntima com eles.”

Diz o Aurélio: 
Pegar na pena.
Principiar a escrever.



Maria Betânia Ferreira

Educadora, tradutora, leitora e escrevedora contumaz de textos e situações. Para ela, *Pingo é Letra*.



Dora Carrasse

Tradutora, perita em pescar pérolas onde houver palavra escrita, leitora apaixonada, militante convicta por um trabalho conjunto da família e da escola na educação das crianças e dos adultos envolvidos.



ecofuturo